

ANIVERSÁRIO EM REPERFORMANCE: Ação festiva no espaço urbano

ANNIVERSARY IN REPERFORMANCE: Festive action in the urban space

Pablo Roberto Vieira Ferreira

robertpab@gmail.com

PPGARc/UFRN

Resumo:

O presente artigo busca fazer uma análise, tomando como meio os estudos em reperformance, da ação intitulada *Aniversário em Reperformance*, realizada na cidade do Natal/RN. Tendo como referência a ação criada pelo artista mexicano Eduardo Flores, faz-se uma explanação conceitual desta ação festiva compreendendo a sua elaboração até a sua execução. Esta análise é permeada pelas vivências do autor-performer ao dialogar com os escritos de Tania Alice (2016), Eleonora Fabião (2008), Elilson (2019), entre outros performers que possuem uma perspectiva de trabalho similar aos temas suscitados aqui, além de propor uma reflexão da utilização do espaço urbano como escolha política e estética.

Palavras-chave: Reperformance, Aniversário, Espaço Urbano.

Abstract:

This article seeks to make an analysis, taking as a means studies on performance, of the action entitled Anniversary in Reperformance, held in the city of Natal / RN. Having as reference the action created by the Mexican artist Eduardo Flores, a conceptual explanation of this festive action is made, including its elaboration until its execution. This analysis is permeated by the experiences of the author-performer when dialoguing with the writings of Tania Alice (2016), Eleonora Fabião (2008), Elilson (2019), among other performers who have a work perspective similar to the themes raised here, in addition to proposing a reflection on the use of urban space as political and aesthetic choice.

Keywords: Reperformance, Urban Space, Urban Space.

A prática da reperformance tem se configurado, dentro da minha trajetória artística, como um campo de experimentação ampliado, fazendo com que acione outras práticas e pensamentos acerca do (meu) corpo que produz arte. Para tanto, realizar *Aniversário em Reperformance*, além de ser também uma ação artística, é mais uma iniciativa de diálogo com o campo da *performance* e seus desdobramentos. Assim sendo, na data do meu aniversário resolvi reperformar uma ação do artista mexicano, Eduardo Flores, que por muito tempo permeou meu imaginário de performer.

A motivação de levar bolo, refrigerantes e salgados para o espaço urbano se deu quando me deparei lendo um texto que trazia um relato sobre esta ação. No referido texto havia o seguinte:

Estrategicamente, a performance escapa à qualquer formatação, tanto em termos das mídias e materiais utilizados quanto das durações ou espaços empregados. Como sugere Eduardo Flores (o homem mexicano que comemorou seu aniversário com bolo e enfeites na calçada) numa assertiva propositalmente generalizante, “a matéria da performance é a vida, seja do espectador, do artista, ou ambas” (FABIÃO, 2008, p. 239).

Ao tomar conhecimento da ação realizada por Eduardo Flores, a partir da leitura de Fabião, decidi que futuramente, em algum dia do meu aniversário, levaria um bolo e demais elementos para fazer uma comemoração no espaço urbano.

Nesse trajeto, as compreensões de reperformance contribuíram para que colocasse essa ação em prática, possibilitando assim, que um artista em solo potiguar, em outro espaço-tempo, experimentasse uma proposição realizada anteriormente por um performer mexicano, configurando-se como um diálogo e uma conexão artística. Essa conexão, que é tecida no ato de sua realização e na presença que criei coletivamente, ou bem antes quando o desejo já estava instaurado ao maturar a ideia e me programar para colocá-la em prática.

Tem-se, em uma das abordagens, que “o termo re-performance, como o próprio termo *performance*, foi adotado principalmente pelos setores empresarial, bancário e administrativo. Ao ser usado na arte, significa uma replicação precisa de um original” (TAYLOR, 2015, p. 273). Essa precisão que Taylor suscita é bastante cambiante, pois se penso na ação executada por Flores, que não presenciei ao vivo e tampouco tive acesso a relatos mais detalhados, fotos e/ou vídeos, dificilmente seria alcançada em *Aniversário em Reperformance*, visto que nem esse título se refere a uma possível nomeação mencionada por ele. O que acontece é o que ato de comemorar seu aniversário na rua me moveu a ponto de querer criar uma versão que dialogasse com a minha história e meu contexto, sem que necessariamente a segunda fosse uma replicação *ipsis litteris* da primeira.

“Tradução”, “releitura”, um “novo original”, todas essas expressões buscam dar conta dessa maneira de trabalho que está intimamente ligada com a continuidade de uma pesquisa em outros espaços, em outros contextos, movimentando corpos na mesma concepção original ou muito aproximada dela. Em outros termos, é “um diálogo onde o corpo do performer que realiza o *reenactment* tenta reatar com a intensidade de proposta original, com um corpo ausente/presente,

reterritorializando **afetos** e **potências** com as quais ele se identifica” (ALICE, 2016, p. 62, grifos do autor).



Figura 1: Aniversário em Reperformance, Av. Rio Branco, Natal/RN, 2019.
Foto: Ronildo Nóbrega.

Gosto de pensar a reperformance como uma linha muito tênue existente entre aquele que concebe a obra primeiro e aquele que se apropria e/ou atualiza a obra no tempo. Deve haver uma conexão de desejo que possibilite porosidade entre essas feitura e ao mesmo tempo uma sagacidade para preservar as inquietações (ou motivos ou desejos...) da primeira realização, porque senão o diálogo se esvai e a referência pode ficar perene. Em outros aspectos, ao refazer a ação de Flores, imagino na composição que realizou, arquiteto minimamente a organização da ação e dos elementos que a compõem, mesmo sabendo que, quando a transponho para a cidade em que vivo, já existe um grande deslocamento que pode alterar a composição pensada inicialmente.

Embora haja uma relação de investigação para uma criação de presença em *Aniversário em Reperformance*, sua execução representa um paradoxo, pois está expressa que a prática do *reenactment* (termo também utilizado) “carrega também uma ausência, remetendo e evidenciando a efemeridade do ato de produção de presença de um artista realizado no passado” (ALICE, 2016, p. 56). Nesta f(r)icção entre a ausência de Flores (que não tive acesso a uma descrição mais

detalhada) e a presença que crio na ação, há um encontro invisível entre artistas que fizeram de seu aniversário uma ação performática.

Aniversário em Reperformance foi realizada no dia 05 de maio de 2019 na Av. Rio Branco, mais especificamente na calçada do IFRN Cidade Alta, na cidade do Natal/RN. Ação festiva do performer taurino com ascendente em libra que comemorava um número de rombo: 30. Tivemos que esperar alguns minutos, pois fazia muito sol no lugar. Assim que ficou mais confortável, começamos a organizar os materiais emergenciais e precários como a mesa amarela emprestada de um bar ali perto. Negociação imediata com o proprietário: “É para uma ação, assim que acabar devolvo. Hoje faço aniversário”. Tendo a permissão concedida, comecei a preparar a ação. Alguns amigos me ajudando a organizar o bolo, os salgados, a encher as bexigas que acabaram virando dispositivo de interação. Comecei a usá-las para me aproximar das pessoas e chama-las para a ação festiva; elas tinham se transformado em uma espécie de convite. “Estou comemorando meu aniversário e gostaria de te convidar para minha festa”. *Performances* no espaço urbano exigem do performer uma abertura para negociações que podem ser conseguidas ou frustradas, a depender da disponibilidade dos transeuntes. Afinal, o convite poderia soar estranho para alguns e simplesmente não ser aceito. “Comer do tal bolo de aniversário ou desconfiar da oferta?” (FABIÃO, 2008, p. 243). Por sorte, todos que conversei se dispuseram a comemorar comigo, mesmo os que mencionaram estarem atentos ao horário do ônibus e avisando que poderiam se retirar a qualquer momento (a calçada em que estávamos era próxima a uma parada). Então, aqueles que se dispuseram a participar de *Aniversário em Reperformance*, se aproximaram da mesa com as bexigas em mãos e foram juntando-se aos demais participantes.

Retirar a festa de aniversário de espaços comuns como a casa ou o salão de festas potencializa o circuito afetivo de *performances* realizadas no espaço urbano que se interessa pela troca e pela presença. Nessa perspectiva, “a performance dialoga com a dimensão do ‘evento’, ‘acontecimento’, ‘produção de presença’, partilha de uma vivência sensível, muito mais do que com a lógica de representação no sentido teatral” (ALICE, 2016, p. 66), ou seja, os participantes vivem e colaboram com a ação.

Embora tivesse lançado nas redes sociais algumas horas antes e, muitos amigos por lá aparecessem, me interessava muito mais estar próximo dos transeuntes, daqueles que olhavam de soslaio, daqueles que vinham perguntar curiosos sobre o que acontecia, sempre atento para as

negociações que se instauravam ali em um estado de prontidão, “aspecto performativo, um *estado* para qualquer alteração, elemento novo” (PIÑEIRO, 2016, p. 55). Ser abraçado por desconhecidos, contar com a participação deles em toda a ação (ou somente em parte dela) me faz sentir, talvez, as motivações de Flores, estimulando a experimentar essa ação no meu corpo, na minha cidade. Assim sendo, a reperformance “oferece um meio de estender o ‘original’ a um público mais amplo através do tempo” (TAYLOR, 2015, p. 274), reprogramando-o ao exercitar uma proposta de presença corporal.



Figura 2: Aniversário em Reperformance, Av. Rio Branco, Natal/RN, 2019.
Foto: Ronildo Nóbrega.

Parece-me que a reperformance opera como uma estratégia de prevenção e perpetuação de obras em outros espaços e em outros corpos também, uma espécie de reprodução que contém um diálogo com uma obra primeira, com as inquietações colocadas por esse artista. Como indaga Taylor

Como a performance pode ser mantida viva, separada do seu momento de conhecimento e existência, e preservada e protegida para outros públicos em outro momento? Como o *agora* de uma performance específica se estende para além da própria temporalidade e contexto iniciais?” (TAYLOR, 2015, p. 273).

Essa extensão mencionada por Taylor perpassa a realização de *Aniversário em Reperformance*, onde penso no aqui-agora quando a realizo, mas também me conecto com uma temporalidade anterior. Seria, nesse sentido, a reperformance uma prática artística que somente evidencia memória e conservação? A performer Alice traz importante reflexão a dizer que

[...] não é e não pode ser sacralizado, tomado por modelo ou referência. Ao contrário, a partir da estrutura *time-specific* de um *reenactment* em determinada época germina outra prática, contaminando e potencializando a prática anterior. Desta forma, o *reenactment*, pela sua estrutura de tempo móvel, fluido, “líquido” – como diria Zygmunt Bauman –, se configura como uma prática resolutamente radicante, gerando presença, e não conservação. Trata-se de habitar o mundo de uma forma assumidamente efêmera, transitória, para além dos afetos tristes gerados pela sociedade globalizada (ALICE, 2016, p. 60).

Ao me conectar com a proposição de Flores me coloco num estado de presença física, convocando transeuntes a compartilharem comigo desta experiência que vai se desenvolvendo a partir da montagem da mesa e dos demais materiais, podendo “contrapor contrafluxo ao fluxo imposto, provocando agenciamentos de tempo e de espaço, mobilizando colaboração – ou mesmo desaceleração – dos corpos transeuntes” (ELILSON, 2019, p. 204).

O uso do espaço urbano como possibilidade de existência é outro aspecto de diálogo com Flores, uma vez que já havia realizado outras *performances* em contexto urbano, procurando questionar a cidade ao vivencia-la com enfoque artístico.

Para tanto, a utilização do espaço urbano como lugar de (atu)ação é uma escolha estética, política, precária. É uma abertura de espaço, intimidade, diálogo que enfrenta a instauração do medo e da violência exacerbada existentes em nosso contexto social (FERREIRA, 2020, p. 53).

Ao penetrar no tecido urbano, provoco pensar outros modos não utilitaristas de relação com a cidade, criando fissuras e ressignificações. Inventando novos modos de pertencimento a partir do contato com os transeuntes em uma ação dialógica. Nos dizeres de Fabião, “são chamados que implicam não num ensaio psicológico de posicionamento, mas em tomadas de posição imediatas. A convocação da *performance* é justamente esta: posicione-se já: aqui e agora” (FABIÃO, 2008, p. 243).

Em *Aniversário em Reperformance* sinto que esse posicionamento é extremante necessário para o andamento da ação: desde a permissão do uso da mesa à participação dos transeuntes que

contribuem para que a ação seja realizada de fato. Tudo é arquitetado e colocado a prova no momento de sua realização, no momento que me encontro criando presença no corpo a corpo com a cidade. Para Elilson, “performances urbanas podem investir em coletividade, aspecto que parece não condizer com o projeto de cidade em vigência nas grandes metrópoles e centros urbanos (ELILSON, 2019, p. 213), motivo esse bastante provocativo para que cada vez mais haja movimentos que burlem o empobrecimento da experiência corporal dos indivíduos.

As contribuições que a atuação dos artistas inseridos no espaço urbano exercem são infinitas. A partir de um circuito afetivo borbulhante, proporcionado pela capacidade de afetar e ser afetado, o performer e os transeuntes estabelecem relações que dinamizam as ações presentes na cidade, que fogem às determinações de comportamento e usos cotidianos, agindo na contramão (FERREIRA, 2020, 64-65).

Assim que *Aniversário em Reperformance* acabou voltei ao bar para devolver a mesa. Agradei o empréstimo ao proprietário e entreguei um pedaço do bolo. A ação acabou se estendendo pelos dias. Recebi relatos, depois de postar algumas fotos, que alguns conhecidos tinham passado perto, mas não pararam porque não sabiam que se tratava de ação realizada por mim. E muitas perguntas me provocaram. Qual a nossa necessidade de oferta de presença? Como é estar aberto ao outro? O que move pessoas performarem no espaço urbano? Porque realizar performances? Porque promover festas de aniversário sem aviso prévio?



Figura 3: Aniversário em Reperformance, Av. Rio Branco, Natal/RN, 2019.

Foto: Ronildo Nóbrega.

Não objetivando imediatismos, visto que são indagações que geram uma multiplicidade de respostas disparadoras, me atravessa perceber que há uma “força propulsora da experimentação de *performances* nesses ambientes de passagem: mexer na própria noção de cidade, resgatar, mesmo que seja por instantes e precariamente, a sensação da cidade como corpo coletivo” (ELILSON, 2019, p. 214). E nesse jogo performativo, estou me coletivizando também, acionando *Aniversário em Reperformance* de maneira compartilhada, convocando os transeuntes a executarem comigo essa ação, sendo colaboradores ativos.

Uma senhora pouco antes de cantarmos os parabéns me disse que gostaria de ter me dado um abraço, mas não sabia se poderia. Respondi de imediato que não havia nenhum problema e logo na sequência me ofertou um abraço caloroso. Um senhor se aproximou muito contente na hora dos parabéns. “É hora, é hora, é hora...” E logo depois saiu. Optou por participar de um fragmento muito específico. Sua contribuição nessa ação coletiva nem chegou na hora de apagar a vela-interrogação que estava disposta sobre o bolo. Assim como esse senhor experimentou ser efêmero em *Aniversário em Reperformance*, acredito que *performances* no espaço urbano também suscitam essa relação temporária de diálogo, pois se cada um aproveita a parte que mais lhe atrai na festa,

os transeuntes podem assim fazer com as *performances* urbanas, editando-as a depender dos diversos níveis de interação e do tempo cedido.

Flores sugere que a arte opera sempre no sentido de *transformar* algo, seja matéria em objeto, ou movimento, som, palavra em composição. No caso da performance, a matéria a ser trabalhada é a própria vida. O ofício do performer seria o de “transformar a vida” como sugere Flores, ou ainda, o modo como a vida pode ser vivida. O performer é aquele que evidencia e potencializa a mutabilidade do vivo (FABIÃO, 2009, p. 64).

Foi assim que, transformando meu aniversário em ação artística, desloquei essas noções de sentido ao convocar transeuntes para comemorarem comigo numa calçada na Av. Rio Branco. Nessa relação estabelecida através desta ação festiva, acabei me reinventando ao borrar essas demarcações impostas de lugares de produção e apreciação de arte. Alice menciona que

Longe de se tornar uma prática codificada com seus dispositivos de visibilidade associados – o cubo branco para as artes plásticas, o espaço teatral para as representações dramáticas – a performance reinventa a cada instante os seus espaços e os seus possíveis, fundindo os conceitos de espaço artístico e espaço cotidiano, arte e vida (ALICE, 2016, p. 69).

Ao gerar novos possíveis nessa relação de criação, ação festiva e *performance* se aglutinam ao potencializarem coletivamente uma reinvenção de uma data comemorativa. Deslocando o entendimento de comemoração cotidianos, *Aniversário em Reperformance* aproxima vida e arte ao ser promovida no espaço urbano a partir de uma ação já realizada por outra pessoa e que é acionada por outro corpo em diálogo com esse primeiro.

Se a matéria da *performance* é a vida, como suscita Flores, quis experimenta-la em relação, no dia do meu aniversário, provocando a mutabilidade do vivo como forma de se reinventar, criar corpo com o corpo da cidade, gerar potência. *Performances* no espaço urbano, com essa abordagem de aproximação e troca, operam sobre a ótica do pertencimento ao interferirem diretamente no fluxo cotidiano.

Através da reperformance pude experimentar uma conexão à distância com uma obra que está em consonância com a utilização do espaço urbano como via de promoção de um circuito afetivo, da capacidade de afetar e ser afetado, além do compartilhamento de uma data comemorativa para a realização de uma performance tal qual Flores fez. Portanto, ao pensar e executar *Aniversário em Reperformance*, coloco em movimento corpos, espaços e composições que são mutáveis e possíveis de oxigenar propostas anteriormente pensadas.

Entre tantas felicitações recebidas no dia do meu aniversário, uma delas me soou provocativa e muito especial. Minha orientadora me desejou “feliz cidades”. A comemoração-reperformance alcançou algo que não consegui nominar naquele momento.

Agradecimentos a Moisés Ferreira, Felipe Fagundes, Ronildo Nóbrega, Franco Fonseca, René Loui, Cléo Morais, Alleff Emanuell, Gabriela Marinho, Arthur Souza, Álvaro Dantas, Isabelle Nunes, Aretuza Barros, entre tantos outros amigos/artistas/transeuntes que ficaram até a partilha do bolo ou que simplesmente se permitiram viver um fragmento desta ação festiva no espaço urbano.

Referências

ALICE, Tania. O *reenactment* como prática artística e pedagógica no Brasil. IN: ALICE, Tania. **Performance como revolução dos afetos**. São Paulo: Annablume, 2016, p. 53- 74.

ELILSON. **Mobilidade [inter]urbana-performativa**. Programa Rumos Itaú Cultural 2017-2018, Rio de Janeiro, 2019.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Sala Preta, v. 8, p. 235-246, 28 nov. 2008.

FABIÃO, Eleonora. **Performance, teatro e ensino: poéticas e políticas da interdisciplinaridade**. In: TELLES, Narciso; FLORENTINO, A. (Org.). *Cartografias do Ensino de Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 61-72.

FERREIRA, Pablo Roberto Vieira. **Maneiras de composição em performance**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Natal, 2020.

PIÑEIRO, Maria Carolina de Hollanda Cavalcanti. **Estudos em Reperformance: Registro da prática Pina, Marina em Carolina**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

TAYLOR, Diana. **Eleonora Fabião: tocando o “ao vivo”**. In: FABIÃO, Eleonora. *Ações. Ensaio Adrian Heathfield...* [et al.]. Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015, p. 270-280.

Artigo submetido em 23/08/2020, e aceito em 01/05/2021.